

ESCOLA SEM PARTIDO OU A ESCOLA DA MORDAÇA E DO PARTIDO ÚNICO A SERVIÇO DO CAPITAL

BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos (orgs.). **Escola sem partido ou a escola da mordança e do partido único a serviço do capital**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.



Fernanda Batista Alves

Doutoranda em Educação pelo PPGE da Universidade Nove de Julho – Uninove/SP.
Coordenadora Pedagógica na rede municipal de São Paulo.
febatistalves@gmail.com



André Luís Gabriel

Doutorando em Educação pelo PPGE da Universidade Nove de Julho – Uninove/SP.
Professor de História na rede municipal de São Paulo.
galuan2015@gmail.com

Considerando a educação como inerente à humanidade, como uma dimensão inexorável do que o é ser humano, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela, convivendo socialmente em família, nas ruas, nas igrejas, nos clubes, nos movimentos sociais, nos sindicatos, nas escolas, no trabalho, enfim. Considerando também que o modo de produção que organiza as atividades produtivas, em última instância, determina toda a estrutura social e que a educação não fuja a essa compreensão, é possível afirmar que no modo de produção capitalista a educação formal (aquela realizada nas escolas e pelo sistema educacional) reproduz e dissemina o ideário de sua classe social dominante: a burguesia.

O conjunto de textos que compõe a coletânea *Escola sem Partido ou a escola da mordança e do partido único a serviço do capital*, organizada pelos professores Eraldo Batista Leme, Paulino José Orso e Carlos Lucena, com seus diferentes recortes de análise, busca avançar na compreensão teórica e política da relação entre educação e sociedade capitalista contemporânea.

Já no prefácio, o professor Gaudêncio Frigotto esclarece e enfatiza aquele que é o mote central da coletânea: a explicitação do contínuo processo de regressão no plano das relações

econômicas e políticas que compõem o conjunto de garantias sociais e trabalhistas constituído ao longo do intenso processo de cessões e concessões entre o liberalismo clássico (econômico) e o “liberalismo social”. Lidos em conjunto, a linha que percorre os textos é a elaboração de panoramas sobre a história da educação – notadamente no Brasil – e da conjuntura política para, em linhas gerais, analisar que o *modus operandi* capitalista (por meio da imposição de políticas autoritárias e violentas de intensa exploração e de supressão de direitos trabalhistas, de garantias civis e sociais) que causou a destruição de milhões de vidas em duas grandes guerras mundiais, além de tantas outras regionalizadas, ou ainda na fundamentação de regimes imperialistas e/ou ditatoriais, é o mesmo que avança vorazmente sobre a classe trabalhadora, mas em outras bases: a partir de uma suposta legitimidade democrática obtida em eleições, do projeto de extrema direita que atua no plano das políticas públicas e da realização de reformas na legislação trabalhista e na previdenciária.

Essa coletânea, por tratar especificamente da relação entre Estado e educação (formal), é perpassada por alguns conceitos estruturantes do modelo neoliberal: ultraliberalismo econômico, conservadorismo nos valores socioculturais, despolitização das questões sociais, controle ideológico das instituições e transformação de direitos trabalhistas e garantias sociais em reles serviços/mercadorias, neste caso, notadamente a educação tem a centralidade das análises. É nesse sentido que a leitura dessa obra propicia o contato com análises sobre aspectos específicos no campo educacional, condensando e materializando o cerne do projeto ultraconservador Escola sem Partido: aprofundar o controle sobre aquilo que é ensinado (currículo) e sobre as formas de como ensinar (metodologia e referenciais teórico-filosóficos), visando naturalizar o processo sócio-histórico e deslegitimar a possibilidade de compreensão em relação à luta entre classes, por exemplo.

Nesse contexto, Celso Carvalho, no texto *O discurso de despolitização como meio de politização da educação: a ação ideológica do movimento Escola sem Partido*, desmitifica a suposta despolitização desse movimento de caráter autoritário, demonstrando sua real intenção: o controle do trabalho docente e a fragilização da ação político-pedagógica. Conforme citados em outros textos dessa coletânea, Carvalho demonstra, por meio de análise do processo histórico, que os pilares fundamentais do

projeto Escola sem Partido estão presentes em outros momentos históricos (usualmente os mais autoritários, no caso da república brasileira) e esmiúça seu mecanismo na contemporaneidade.

Outro ponto instigante a observar é a presença de textos que, além da análise crítica sobre o projeto Escola sem Partido, realizam a apresentação de ações político-pedagógicas de resistência. É o caso do texto *Movimento estudantil e a ocupação das escolas públicas na contrarreforma do Estado*, elaborado por Fabiane Santana Previtali, Cílson César Fagiani, Sérgio Paulo Morais e Eduardo Henrique Freitas que lança o olhar sobre o movimento protagonizado pelos jovens estudantes em oposição às iniciativas governamentais de reforma do ensino médio, ocorrido no ano de 2015. Outra possibilidade de contraposição ao modelo neoliberal é o da formação de professores para a atuação e defesa da escola pública sob o viés conceitual da Pedagogia Histórico-Crítica. Aspectos como a formação humanística por parte dos filhos da classe trabalhadora e a tensão presente ao longo do processo histórico brasileiro quando se trata da democratização e da garantia ao direito fundamental e, na contemporaneidade, como possibilidade de fundamentação crítica ao modelo burguês e neoliberal, estão presentes no texto *A defesa da escola pública estatal diante do movimento Escola sem Partido*, de autoria de Eraldo Batista Leme, Rubiana Andressa Gonçalves e Lidiane Teixeira.

Em tempos de avanço da onda ultraconservadora neoliberal, de seu trágico rastro de barbárie antissocial, na mesma medida que é preciso reconhecer o papel fundamental que a educação formal exerce, não só na formação cidadã dos sujeitos sociais, mas também como centro irradiador de cultura de resistência e de defesa da escola pública como direito social inalienável, a leitura dessa obra possibilita, entre outras coisas, tomar contato, sob diversas e variadas perspectivas, com análises críticas ao movimento/projeto Escola sem Partido, articulando os diferentes textos sob o campo econômico, o curricular e o político-pedagógico. Por causa da atual conjuntura política, os tempos vindouros serão de tensos e intensos debates sobre a temática educacional, por isso é fundamental conhecer as nuances e os reais objetivos do movimento/projeto Escola sem Partido, afim de participar ativamente, sejam quais forem os espaços e os fóruns em que tal tema estiver em pauta. Nesse sentido, a leitura da coletânea aqui apresentada é fundamental àqueles que se identificam com os valores progressistas e alinhados à luta pela educação pública, laica, democrática, com liberdade de cátedra e comprometida com a transformação social como direito fundamental de todos, ao contrário do que intenciona o movimento/projeto Escola sem Partido.